

Danila Barbosa de Castilho
(Organizadora)

Arte e a
Depuração
Social e Política
da Sociedade

 **Atena**
Editora
Ano 2020



Danila Barbosa de Castilho
(Organizadora)

Arte e a
Depuração
Social e Política
da Sociedade

 **Atena**
Editora
Ano 2020



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloí Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

A786 Arte e a depuração social e política da sociedade [recurso eletrônico]
/ Organizadora Danila Barbosa de Castilho. – Ponta Grossa, PR:
Atena Editora, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-926-4
DOI 10.22533/at.ed.264201701

1. Arte. 2. Cultura. 3. Sociedade. I. Castilho, Danila Barbosa de.
CDD 353.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A arte e música refletem os contextos sócio-políticos de sua produção e tem um importante papel na construção das sensibilidades e identidades individuais e coletivas.

Ambas se constituem como meios de representação e expressão das diversidades e heterogeneidades culturais. Por serem construções sociais estão permeadas por conflitos, disputas e silenciamentos. É sabido que com o processo de globalização há tentativas de homogeneização cultural, dessa forma existem conceitos e ideias mais aceitos socialmente. Sendo assim, a arte e a música também são formas de resistência, subversão, partilha, afirmação e pertencimento.

É preciso considerar que todas essas questões influenciam e estão presentes nos processos de ensino-aprendizagem, podendo ser utilizadas como ferramentas na (des)construção de conceitos e enriquecimento.

Assim, apresentamos nesta coletânea alguns trabalhos que nos oferecem um panorama acerca da diversidade de manifestações artísticas e musicais presentes em nossa sociedade.

Danila Barbosa de Carvalho

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| O ENSINO DA MÚSICA EM ESCOLAS MUNICIPAIS DA CIDADE DE INGÁ-PB, APÓS ADVENTO DA LEI 11.769/2008 | |
| Alba Valeria Vieira da Silva Anderson Flávio Barbosa Pereira | |
| DOI 10.22533/at.ed.2642017011 | |
| CAPÍTULO 2 | 9 |
| O ENSINO INSTRUMENTAL E A PERFORMANCE: ASPECTOS PARA AQUISIÇÃO DE HABILIDADES MUSICAIS | |
| Maria Isabel Veiga | |
| DOI 10.22533/at.ed.2642017012 | |
| CAPÍTULO 3 | 16 |
| O IMPROVISO LIVRE ENQUANTO EROÇÃO DE VELHAS ESTRUTURAS OU INSURREIÇÃO CONTRA PRÁTICAS MUSICAIS HEGEMÔNICAS | |
| Severino Henrique Soares Correia | |
| DOI 10.22533/at.ed.2642017013 | |
| CAPÍTULO 4 | 24 |
| PUNK ROCK NA AMAZÔNIA: ELEMENTOS INTERCULTURAIS NAS CANÇÕES DA BANDA ATO ABUSIVO | |
| Keila Michelle Silva Monteiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.2642017014 | |
| CAPÍTULO 5 | 32 |
| RAP, A LUZ DA QUEBRADA | |
| Roberto Camargos | |
| DOI 10.22533/at.ed.2642017015 | |
| CAPÍTULO 6 | 44 |
| CAJÓN: ESTUDOS DE POLIRRITMIA E SONS ELETRÔNICOS NO EXPERIMENTALISMO DA MÚSICA CONTEMPORÂNEA | |
| Flávia Bonelli Silva Marcelo Rodrigues de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.2642017016 | |
| CAPÍTULO 7 | 51 |
| OS PIANOS USADOS POR JOHANNES BRAHMS E POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS EM SUA OBRA PIANÍSTICA | |
| Luiz Guilherme Pozzi | |
| DOI 10.22533/at.ed.2642017017 | |
| CAPÍTULO 8 | 62 |
| HISTÓRIA DA ARTE COMO PARTILHA DE UM MUNDO POR VIR E A CRIAÇÃO DE UMA COMUNIDADE SENSÍVEL | |
| Sandra Makowiecky | |
| DOI 10.22533/at.ed.2642017018 | |

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 9 | 75 |
| ABAYOMI: EXPERIMENTANDO A DIVERSIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR | |
| Luis Otávio Oliveira Campos | |
| Breno Felipe Araujo de Oliveira Gomes | |
| Aldo Victorio Filho | |
| DOI 10.22533/at.ed.2642017019 | |
| CAPÍTULO 10 | 82 |
| TRANSBIOGRAFIAS: QUANDO O LUGAR DE ENUNCIÇÃO EXPANDE (DE NOVO, APÓS UM ANO) | |
| Bruna Mazzotti | |
| Valter Frank de Mesquita Lopes | |
| DOI 10.22533/at.ed.26420170110 | |
| SOBRE A ORGANIZADORA | 96 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 97 |

ABAYOMI: EXPERIMENTANDO A DIVERSIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR

Data de aceite: 17/12/2019

Luis Otávio Oliveira Campos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Artes
Rio de Janeiro – RJ

Breno Felipe Araujo de Oliveira Gomes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Artes
Rio de Janeiro – RJ

Aldo Victorio Filho

Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Artes
Rio de Janeiro – RJ

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo o relato de experiência e breve reflexão acerca da cultura afro-brasileira em sala de aula, mais especificamente na disciplina de artes visuais. Ele parte da experiência com a feitura de bonecas Abayomi e o desenvolvimento de uma oficina no chão da escola. Há nesta pesquisa, enquanto licenciando em artes visuais, vinculados a UERJ e ao PIBID a busca por refletir acerca da importância do conteúdo de matriz africana para uma formação estética que possa dar conta da diversidade que é própria do espaço escolar, acreditando na cultura visual e nessa pluralidade como ponto de partida para

a construção de uma prática docente possível.

PALAVRAS-CHAVE: abayomi, cotidiano, docência, diversidade, educação.

ABAYOMI: EXPERIENCING THE DIVERSITY IN THE DAILY SCHOOL

ABSTRACT: This work has as objective the report of experience and brief reflection on the Afro-Brazilian culture in the classroom, more specifically in the discipline of visual arts. He starts from the experience with an Abayomi puppet making and the development of a workshop. There is in this research, while licensing in visual arts, linked to UERJ and PIBID a seek to reflect on the importance of the content of the African matrix for an aesthetic formation that can account for the diversity that is proper of the school space. I believe in visual culture and in this plurality as a starting point for a possible teaching practice .

KEYWORDS: abayomi, daily, teaching, diversity, education.

1 | INTRODUÇÃO

Formar as novas gerações exige cada vez maior esforço dos diferentes profissionais que dão corpo e voz às escolas. No que cabe à área do ensino das artes, o esforço está em acolher em seu âmbito tudo que constitui o universo das artes, dos aspectos formais aos políticos

para que seus saberes permitam tanto a fruição dos acervos artísticos outorgados quanto o que, embora de grande valor para muitos, é marginalizado em relação a estes. Arte e política são indissociáveis, assim como os padrões de gosto e definições de beleza resultam muito mais de tensões e interesses políticos diversos, do mercado à afirmação de hegemonias.

Portanto, se cabe à Educação formal alicerçar a cidadania, cabe ao ensino da Arte cumprir a tarefa inerente a esse pressuposto, que seria a relativização do gosto, a observância dos aspectos que valorizam certas representações em detrimento de outras e a expansão do conceito de beleza como ação de força indispensável à vida social contemporânea.

O assunto que trataremos centralmente é cercado pelas considerações acima somadas às experiências nas realidades escolares que evidenciam a massiva presença da valiosa, raramente e insuficientemente valorizada, descendência africana. A maioria dos estudantes das escolas públicas populares do Rio de Janeiro pertencem à referida descendência e poderíamos afirmar com segurança que somos majoritariamente filhos sequestrados da África. Sequestrados não apenas por nossos ancestrais o terem efetivamente sido, mas, sobretudo, pelo histórico sequestro para longe da memória e energia cultural dos quais descendemos. Nossa herança, negada e vilipendiada, se não se mostra nos nossos corpos, na evidência de nossa pele e traços fisionômicos, se avoluma nas nossas perdas, mesmo que ocultadas, silenciadas e interditas. Como se nosso patrimônio mais valioso residisse exatamente no que nos foi e tem sido furtado. No esvaziamento cultural em relação à herança cultural africana que nos tem sido imposto há muitos séculos e que, por muitos violentos meios, tem sido atualizado. Contudo, felizmente, não plenamente realizada.

2 | A OFICINA

Quando lançados ao mar, os mais diversos povos de África, viram ruir suas esperanças, crenças e costumes. Sua liberdade de existir segundo seus desejos, suas matrizes. Para além da grandeza da dor no corpo carne, causada pela captura e violência constante a que foram submetidos, geradora da grande possibilidade de morte, a dor da alma era, também, muito forte. Nesse contexto, o mar passa a simbolizar a morte, um grande cemitério de culturas. A partir da era das grandes travessias desses povos, o Mar passa a ser conhecido e temido como a calunga grande, uma, entre tantas, ressignificações de culturas e cultos que emergem do sequestro.

[...] Calunga grande é o mar, a enormidade de seu destino e de seu horizonte. Calunga pequena é a terra que recebe esses corpos e os transforma em semente. Mas no caso da escravidão, reinventada no Novo Mundo, a terra tragou os corpos desses milhares de cativos, que foram antes transformados em prisioneiros, brutalizados pela violência desse sistema que supôs a posse de um homem por outro[...] (SCHWARCZ, 2001, p.10).

As bonecas Abayomi, sobre as quais trataremos centralmente neste trabalho, teriam sido criadas naquele marcante período, nos longos percursos que os nossos ancestrais foram levados em navios tumbeiros. Não só jovens e adultos foram trazidos para as Américas, também vieram crianças, muitas separadas de seus familiares. As tormentas da navegação eram agravadas pelas condições desses tumbeiros, onde seres humanos foram carregados como produtos, amontoados uns sobre os outros. Para amenizar o sofrimento das crianças, as mulheres rasgavam retalhos de suas vestes e confeccionavam bonecas por meio de amarrações e tranças. O nome dessas bonecas, Abayomi, vem do Yorubá e significa “encontro precioso”. Um precioso encontro com a cultura viva que se construiu no Brasil, com a forte matriz africana. Essa tradição foi preservada pela oralidade e transmitida às novas gerações como é costume na cultura afro-brasileira, e ganhou novos contornos ao longo do tempo.

O ensino da confecção de Abayomis foi retomado por Lena Martins, educadora, artista e militante de movimento negro, na década de 1980, que realizava oficinas para pessoas dos mais diversos grupos sociais e étnicos, a fim de promover a valorização da cultura negra e a conscientização sobre questões raciais. Diversos outros educadores aderiram a prática Abayomi por todo o Brasil, pela sua força de diálogo com as mais diversas faixas etárias (SILVA, 2009).

Tivemos o privilégio de ser encantados pelo fazer Abayomi e desde então buscamos nos aprofundar nessa prática e explorar as suas potencialidades no ensino da arte. Trabalhar com a cultura afro-brasileira em sala de aula é uma forma de descentralizar o conteúdo dos temas “Universais” do conteúdo de artes. Sua pouca presença nos diversos anos do ciclo escolar, impede uma formação plural, e que abranja todos os componentes formadores de nossa cultura, reforçando, inclusive, o racismo nas escolas, como demonstra Kabegenle Munanga:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (MUNANGA, 2005, p.16)

Através do PIBID, pudemos vivenciar a prática de Abayomi em sala de aula, como uma ferramenta de diálogo com os alunos sobre a herança cultural africana. A ideia surgiu em uma aula na qual a professora regente trouxe um material que continha uma rica iconografia afro-brasileira. Sua intenção foi buscar diversificar e ampliar as possibilidades de referencial imagético a ser trabalhado. Muitas das imagens se relacionavam aos cultos religiosos do Candomblé e Umbanda, sendo produções que representam Orixás. E mesmo as que não tem, são relacionadas a essas religiões,

gerando certo estranhamento, e despertando alguma rejeição ou reserva por parte das crianças. Tendo observado isso, sugerimos, em momento de planejamento, a realização de uma oficina de Abayomi, para que pudéssemos tentar fortalecer o diálogo que julgávamos necessário, ou seja, uma prática que possibilitasse um encontro mais produtivo entre todos na turma.

Abayomi, assim como dançar ciranda, é sobre relações criadas e fortalecidas. Não se reduz a ensinar uma artesanaria ou uma mera técnica. Na realização das oficinas Abayomi se constrói uma rede voltada para a preservação e aproximação entre todos nós, enquanto donos dessa cultura. Quando contamos uma história, desejamos afetar e ser afetados na roda formada, para que os saberes, que ali circulam e se produzem, venham fazer parte dos nossos cotidianos como elemento de força e união.

Em sala, a oficina vira um grande evento, contação, impressões, memórias, cortes de tesoura e amarrações em tecidos de diversas cores, geram curiosidade, estranhamentos e surpresas. Muitas crianças questionavam o fato de a boneca não ter rosto e a forma que ela ganha no processo de criação. Um ótimo gancho para a identificação da multiplicidade das formas, que variam entre cada uma delas. Se fizermos 10 bonecas, todas serão diferentes entre elas. Em virtude da técnica e da sensibilidade empregada, não há possibilidade de uniformidade.

Optamos, na oficina relatada, por ensinar uma amarração de cabeça para que, na boneca, fosse possível a confecção de um cabelo afro. E vimos surgir os mais variados formatos e cortes naquelas cabeças que foram enfeitadas com laços, turbantes e miçangas. O mesmo ocorreu com a roupa, o que era para ser uma bata, virou vestido, saia, entre outros cortes e modelos. Cada criança trouxe seus desejos para aquela feitura, formando uma produção de bonecas muito ricas em visualidade.

Após a oficina inicial, agendamos para a próxima aula uma conversa sobre a experiência daquele momento. Conversamos sobre as impressões de cada um, o que as bonecas produzidas haviam representado, as histórias, etc. Muitos alunos resistiam ao tema, pois acreditavam se tratar de uma boneca da “macumba” que teria alguma função religiosa. Algumas crianças em suas perspectivas religiosas, notadamente evangélicas, consideravam erradas e demoníacas. Contudo, o mais potente da troca, possibilitada pela atividade Abayomi, foi o fato de que as respostas aos questionamentos foram dadas pelos alunos em meio aos debates provocados. Ou seja, o encontro dialógico foi realizado.

Decorrente da atividade, no mesmo dia da oficina, a mãe de duas alunas da turma foi à escola reclamar com a professora sobre as bonecas. Pudemos participar da conversa que ocorreu entre a troca de turnos. A mãe nos acusava de ensinar “vodu” às crianças, considerando a boneca algo “do demônio”. Diante da radicalidade de seu entendimento, o diálogo foi difícil e desafiador, porém, necessário, e a professora tentou oferecer explicações e argumentos que atenuassem a preocupação da mãe e lhe assegurasse o aspecto meramente pedagógico da atividade. Foi ressaltada a importância de um conteúdo diverso em sala de aula, e a legislação que garantia

a obrigatoriedade da cultura afro-brasileira no conteúdo. Foi apresentado material didático de artes que mostrava a representação religiosa cristã, presente em grande parte da produção visual ocidental.

Esse, talvez, tenha sido o ponto que mais mereça a nossa atenção e reflexão. Como separar o que tem origem ou inspiração religiosa da cultura Como componente do conjunto que a compõe, não é possível excluir. O desejo, porém, inexistente quando o assunto é o cristianismo. Mesmo que a Abayomi não surja num desejo de culto, a cultura visual afro-brasileira é composta por diversos elementos religiosos. Esse estranhamento, gerado pelo pensamento eurocêntrico e cristão, recai sobre o corpo negro, seus cultos, sua arte. O desafio é então construir um ensino da Arte que lide com a Cultura Visual e nesta a diversidade da imagem que, não só, respeite a diversidade, mas a inclua nos processos e práticas pedagógicas.

3 | CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

O que aprendemos com as experiências brevemente relatadas se resume no reconhecimento da urgência do ensino da Arte: lidar cada vez mais intensamente com todos os indícios e desafios contidos no vasto panorama da Cultura Visual, com as imagens que dizem respeito à diversidade humana e às assimetrias sociais, econômicas e de demais direitos, assim como a necessidade de estar atento à relatividade e força das belezas que, dentre infinitas possibilidades, tanto seduzem e desviam nossos interesses quanto fortalecem nossas posições identitárias. O trabalho com a arte importaria, nesses termos, incentivar e orientar o desfrute do patrimônio cultural universal que também é composto pelas as estéticas negadas e pelas ocultadas ou esquecidas, assim como questionar a hegemonia de determinados padrões e promover a desconstrução desses regimes.

Tal prática exige que se crie meios eficazes de incluir o mundo na aula, e não apenas alguns de seus reflexos afetos ao gosto e interesses hegemônicos. É preciso refletir sobre as experiências no cotidiano das escolas à luz de autores que problematizem e critiquem aspectos curriculares ainda distantes da complexidade social e cultural da população escolar. Pelo contrário, ainda constatamos que no cotidiano se dá, ainda que discretamente, certa neutralização das imposições culturais e da negação da diferença. Sabemos também que é no cotidiano que vivemos a violência de toda sorte de preconceito. Contudo, no dia a dia das escolas, meio ao burburinho das crianças, encontramos linhas de fuga e criações favoráveis à formação democrática. É no cotidiano onde acontece a vida (e o currículo) como modo de autocriação pessoal e coletiva, produção incontrolável que não se exhibe nem se resume via a linguagem gramaticada ou às políticas de controle das imagens e conteúdos curriculares pré-estabelecidos. Sally Price (2012) aponta para um exemplo da atual conjuntura das instituições da arte, que impõem hierarquias e afastamentos, privilégios e, conseqüentemente, infortúnios. Segundo a autora,

Uma aluna da Universidade de Bamako, que vem a Paris para visitar um primo, deve pagar 8,50 (que representa o salário de uma semana para um Malês comum), caso ela queira ver a estatuária que vem de seu país natal”, a apropriação é exercida de tal modo que o que deveria ser acessível ao povo porque faz parte de sua cultura, é algo distante. As estatuárias de culturas colonizadas pela França são exibidas no museu do Louvre como um artefato de recompensa, extraído brutalmente do seu contexto: “nenhum deles crê na celebração do nacionalismo cultural francês e em seus heróis para explicar como ela (arte africana do museu do Louvre) chegou lá (KASFIR apud PRICE, 2012).

Entendemos que a reflexão sobre o que deve ser defendido, problematizado e realizado em aula deve ser dinamizada o suficiente para neutralizar a predominância do etnocentrismo nos currículos oficiais, assim como se dá em muitas mentalidades e em grande parte das formações docentes oferecidas pelas universidades. A suposta alta cultura e a Arte (com A maiúsculo) não deveriam nos interessar mais que a formação das subjetividades das crianças refletidas em suas escolhas e afinidades estéticas e produções poéticas, qualquer que sejam. Afinal, o que se conta na formação cidadã é tudo que contribua para a autonomia dos sujeitos a par e passo da compreensão e assimilação das responsabilidades sobre o bem comum material e simbólico. Em outros termos, trata-se da formação de sujeitos livres da opressão das hierarquias culturais e étnicas e com amplo acesso e domínio de tudo que fortaleça a sua afirmação e presença no mundo. Referimo-nos, nesse ponto, à específica valorização das culturas de origem e ambiente sociais dos estudantes, o que sempre facilita a conquista de saberes a respeito de outros ambientes e culturas, seja os outorgados pela cultura culta, seja os dos grupos periféricos em relação a esta.

A formação escolar, no que cabe ao ensino das artes, oportuniza ações para que a formação cultural adequada ao convívio e sobrevivência da e na diversidade não seja solapada por “algo maior”, que pode ser entendido como qualquer um dos valores estético e culturais euro referenciados, a respeito do qual temos ensinado e aprendido mais a submissão intelectual e pedagógica do que saberes que permitam tanto desfrutá-lo quanto desconstruí-lo. Esta reflexão pode ser associada a muitas considerações dos estudos da Cultura Visual, como as de um de seus mais importantes autores, Fernando Hernández. Este estudioso enfatiza especialmente sobre a necessidade da elaboração de narrativas que localizem seu sentimento social no momento histórico em que profundas transformações nas formas de representação são operadas, e que envolvem e conduzem modos de pesquisar a partir e sobre tais narrativas:

Esta preocupação requer introduzir debates que problematizem os referenciais canônicos que usamos, requer animar a inventividade e resgatar o sentido da criatividade e da imaginação pedagógica que hoje não aparecem com muita frequência nas instituições artísticas. Assim, procurávamos abrir portas para enfrentar o poder ideológico conservador que se exerce em boa parte das instituições relacionadas às artes visuais, à cultura e à educação (HERNÁNDEZ, 2014)

Somos, então, incentivados a buscar condições favoráveis ao exercício criador como um dos meios de formação escolar. O que implica, inicialmente, no enfrentamento intenso dos problemas oriundos de preconceitos e das visões superficiais a seu respeito. O que parece ser facilitado com o recurso às imagens visuais, ao estudo de manifestações populares, à problematização dos padrões estéticos, morais, etc. junto à abordagem lúdica dos elementos poéticos identitários que atravessam e habitam os espaços escolares. Conscientes de que as vivências e estudos dos quais partem e acompanham esse texto não nos asseguram prescrever métodos eficazes ou verdades pedagógicas, nosso intento é partilhar nossa experiência e o que a partir dela podemos ponderar e apenas aventar como útil à atualização do trabalho nas escolas.

Buscamos, no desfrute do convívio com vidas diversas, com vozes que sempre têm o que dizer, defender a escuta e percepção aberta dos corpos que sempre se colocam no misto intenso de desejar e oferecer. Constatamos, nessas oportunidades, que as crianças e os jovens sabem cada vez mais e leem cada vez mais e mais diversamente do que afiança a crítica ao trabalho nas escolas públicas populares. O que nos levou a aceitar que o que valorizamos e nos autorizamos saber pode ser refutado pelos nossos novíssimos alunos como parte dos seus processos de apreensão saudável da vida e do mundo. Contudo, há verdades a serem preservadas, tarefa que, sob muitos aspectos, distingue os adultos das crianças no universo escolar. Essas verdades dizem respeito à Ética, ao compromisso ecológico de preservação da vida humana e de seu habitat sob condições de justiça social e liberdade, alcançáveis por meio do reconhecimento e respeito às afinidades culturais, estéticas, afetivas e identitárias de todos os grupos e sujeitos. Deste modo, criações poéticas e pedagógicas como as bonecas Abayomi surgirão e circularão em ambientes e condições opostas às dos tumbeiros e ameaças da Calunga grande.

REFERÊNCIAS

HERNÁNDEZ, F. Pedagogias Culturais: o processo de (se) constituir em um campo que vincula conhecimento, indagação e ativismo. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.). **Pedagogias Culturais**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2014.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, 2005

PRICE, Sally. Silenciando o Subalterno: reflexões sobre o Museu do Quai Branly em Paris. In: LIMA FILHO, M.F.; MARTINS, D.C.; NUNES, J.O (Org.) **Subalternidades, fluxos e cenários**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. 2001. **A travessia da Calunga Grande. Três séculos de imagens sobre o Negro no Brasil. (1637-1899)**, In: Rev. Antropol. vol.44 no.2. São Paulo. FFLCH/USP

SILVA, Sônia Maria da. **Experiência Abayomi: Coletivos, ancestrais, femininos, artesanando empoderamentos**. V ENECULT. Faculdade de Comunicação/UFBA. Salvador. 2009

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abayomi 75, 77, 78, 79, 81

Amazônia 24, 28, 30, 94

Arte como partilha 62

B

Brahms 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61

C

Cajón 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

Cotidiano 5, 26, 33, 34, 35, 41, 75, 79

D

Des-territorialização 16

Diversidade 75, 79, 80

Docência 75, 94

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 14, 15, 39, 50, 65, 71, 75, 76, 77, 80, 81, 96

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 44, 45, 46, 50, 75, 76, 77, 79, 80, 96

Ensino Instrumental 9, 14

Escola 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 16, 50, 75, 78, 81, 96

H

Habilidades Musicais 9

História da Arte 62, 63, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74

I

Improviso Livre 16, 22

Instrumentos históricos 51

Interculturalidade 24, 26, 30

M

Music 1, 16, 32, 44

Música 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 53

Música contemporânea 44, 45, 46, 47, 50

Música rap 32

O

Obra Aberta 16, 19, 20, 23

P

Percussão 44, 45, 46, 49, 50

Performance 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 34, 48, 49, 50, 61, 85, 86, 87

Piano 15, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61

Polirritmia 44, 45, 46, 47, 49

Práticas culturais 32

Punk Rock 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30

R

Representações de si 32

Rizoma 16, 19, 21

S

School 1, 75

Sons eletrônicos 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

T

Teaching 1, 9, 75

Territorialização 16, 21

Transmissão e herança 62

 **Atena**
Editora

2 0 2 0